



*UM FILHO DE OGUM QUE SONHAVA EM SER FILHO DE XANGÔ*

MARTIN GROSSMANN

## HOMENAGEM

# UM FILHO DE OGUM QUE SONHAVA EM SER FILHO DE XANGÔ

*Grossmann homenageia a coragem, a força e a inquietude de Emanuel Araújo, artista, pensador e fundador do Museu Afro Brasil.*

**MARTIN GROSSMANN**  
**ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA**

Emanuel Araújo (Santo Amaro da Purificação no dia 15 de novembro de 1940 – São Paulo, 7 de setembro de 2022)... Nascer no dia da Proclamação da República e morrer no dia em que o Brasil comemorou 200 anos e um dia antes da morte da monarca mais longeva na história, não é causalidade, em se tratando de Emanuel Araújo.

É assim que Ynaê Lopes dos Santos, professora de História das Américas na UFF inicia a sua homenagem a este múltiplo ser que foi Emanuel Araújo.

Em texto sincero no site da Deutsche Welle, empresa pública de radiodifusão da Alemanha, Ynaê traça perfil esclarecedor desse sujeito inquieto e corajoso que foi Emanuel.

*“Quem o conheceu de perto, sabe que não era uma pessoa fácil, podendo se tornar inacessível, ou até mesmo inviável para muitos. O jornalista Claudio Leal lembrou de maneira afetuosa que Emanuel era um filho de Ogum que desejava ser filho de Xangô. Talvez essa ambivalência entre a guerra e a justiça e a fina fronteira que as separa se embrenhassem dentro dele, fazendo com que a tempestuosidade e altivez*

*que o caracterizavam se combinassem em intensidades que por vezes atraíam, por vezes afastavam.*

*É impossível não pensar que sua maré intempestiva fosse parte da armadura que ele precisou talhar para viver, ao seu modo, um Brasil espúrio, violento e racista. Um país que insistia em dizer em quais lugares Emanuel poderia e deveria estar.”*

Mas Emanuel nunca se curvou galgando com convicção e destemor um percurso ímpar em nossas terras. Como artista, Emanuel foi homenageado em 2007 pelo Instituto Tomie Ohtake com a exposição *Autobiografia do Gesto*, que reuniu obras de 45 anos de carreira, assim como teve esculturas, xilogravuras e cartazes do artista expostos mais recentemente, em 2018, no Masp. Na obra de referência que é o livro em dois volumes coordenado por Walter Zanini e lançado em 1983, *História Geral da Arte no Brasil*, Emanuel é citado em igual grandeza entre artistas expoentes seja na gravura, seja na escultura assim como uma referência seja em São Paulo como na

Bahia.

Mas foi no campo da cultura e em particular nos dos museus, que Emanuel deixou contribuição fundamental, singular. Em seu depoimento ao conhecido Historiador e teórico da Arte Alemão, Hans Belting em 2008, Emanuel resume assim essa sua contribuição, ao ser questionado em relação a importância do Museu Afro Brasil em São Paulo:

*“Esta é a minha terceira experiência no campo da museologia (lembrando que sua primeira foi em Salvador, no início da década de 1980 quando foi diretor do Museu de Arte da Bahia (1981-1983). Eu implantei uma nova idéia de museu, quando dirigi a Pinacoteca do Estado de São Paulo de 1992 a 2002, não apenas em relação a radical intervenção arquitetônica (realizada em parceria com o arquiteto Paulo Mendes da Rocha de 1993 a 1998) como também na expografia e no colecionismo. Agora eu enfrento o desafio do Museu Afro Brasil, que certamente toca a sensibilidade daqueles com idéias pré-concebidas a respeito da sociedade brasileira. Muito pouco se encontra sobre o museu na*

*grande mídia. Tampouco nos jornais, mas apesar do silêncio, mais de 600 mil brasileiros, paulistas e estrangeiros já passaram pelo museu desde que foi aberto (em 23 de outubro de 2004 ).”*

Em outro importante depoimento, desta vez em encontro com Danilo Miranda no próprio Museu Afro-Brasil em 22 de agosto de 2017, evento realizado pela Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência sob a batuta de Ricardo Ohtake, Emanuel complementa que este museu foi feito com a intenção de mostrar e de construir a ideia sobre essa contribuição do negro para a arte, que é tão antiga quanto o Brasil; é tão antiga quanto a escravidão. (...) Esse museu existe para representar uma fração poderosa do Brasil. Mas a gente não é um museu de gueto; a gente trata da cultura brasileira, e isso nos impõe esse trabalho constante, que não é eterno, porque nós não somos eternos, mas que a gente vai levando enquanto viver.

Fazer cultura no Brasil é fazer cultura num país que não se completa, que não se decide, que

não se define. É um país difícil. Difícil politicamente, socialmente, e difícil culturalmente, sobretudo. Somos um povo precário. A cultura no Brasil é precária. Porque a cultura faz parte dessa coisa toda que a gente teima e insiste em fazer.

Retorno a homenagem de Ynaê a Emanuel que revela em seu texto que frequentou o museu Afro-Brasil regularmente desde sua fundação em 23 de outubro de 2004.

*Hoje, passados quase 20 anos das primeiras visitas, entendo que meu encantamento não era apenas pelos retratos de Juliano Moreira, Manuel Querino, Carolina Maria de Jesus; ou os quadros dos irmãos Thimóteos, as esculturas de Rubens Valentim e instalações de Rosana Paulino; ou então pelas bateias que comprovavam o conhecimento tecnológico que os africanos escravizados empregaram na mineração oitocentista, as máscaras de diferentes partes da África, os colares de ouro das quitandeiras negras da Bahia, a sala de ex-votos, ou então a famigerada carcaça do navio negreiro que lembrava que o Brasil é um país de tormento.*

*Esses eram subterfúgios que Emanuel usou para falar de algo maior: a mão negra que talhou o Brasil. E assim como a de Emanuel Araújo, essa mão era bonita. Sua completude como artista não se contentou em restaurar a dignidade, a honradez e a altivez que atravessou a afrobrasilidade. Era imperioso mostrar a beleza, e trazê-la para a centralidade da história do Brasil. Vanguardista que era, Emanuel sabia como poucos que forma também é conteúdo, e vice-versa.*

## NOTA

Emanuel Araújo recebeu em 2020, a homenagem de artista pela trajetória da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) com o prêmio Clarival do Prado Valladares. E, neste ano, a sua história dedicada à cultura brasileira é reverenciada pela ABCA na criação do Prêmio Emanuel Araújo destinado para Coleção, Conservação e Documentação Histórica.

## MARTIN GROSSMANN

Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, coordenador acadêmico da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da USP.